

CIDADES, EVOLUÇÃO E URBANISMO: MARCEL POËTE E GASTON BARDET¹

CITIES, EVOLUTION AND URBANISM: MARCEL POËTE AND GASTON BARDET

JULIANA MELO PEREIRA, VIRGÍNIA PITTA PONTUAL

RESUMO

O presente artigo se propõe a discutir a contribuição de dois teóricos do urbanismo do século XX, explorando a noção de evolução das cidades e como ela balizou o olhar deles sobre as cidades de Paris e de Roma. O primeiro, Marcel Poëte, participou das primeiras instituições e mobilizou a criação do primeiro curso de urbanismo na França. O segundo, Gaston Bardet, foi seu aluno e desenvolveu um vasto conjunto de investigações metodológicas, livros, artigos e cursos no campo do urbanismo. O interesse por ambos se justifica por terem compreendido a cidade do passado e do futuro como unidade, algo metaforicamente semelhante a um organismo vivo em contínua evolução. A partir da noção de “evolução”, ambos buscaram desenvolver formas de apreender o que chamaram de “vida” e “alma” da cidade, antes de qualquer plano ou proposta de intervenção. Tanto através dos estudos históricos, formulados por Poëte, quanto das investigações sociológicas, desenvolvidas por Bardet, o Urbanismo deveria ultrapassar os limites das formas, das leituras setorializadas para abarcar uma totalidade complexa.

PALAVRAS-CHAVE: Evolução das cidades. Gaston Bardet. Marcel Poëte. Paris. Roma. Urbanismo.

ABSTRACT

This article sets out to discuss the contributions of two twentieth-century theorists of urbanism, exploring the notion of the “evolution of cities” and how it marked their view of the cities of Paris and Rome. The first, Marcel Poëte, participated in the first institutions and organized the creation of the first urbanism course in France. The second, Gaston Bardet, was his student and developed a wide range of methodological investigations, books, articles, and courses in the field of urbanism. The interest in both is justified by having understood the city of the past and the future as a unit, something metaphorically similar to a living organism in continuous evolution. Based on the notion of “evolution”, both men sought to develop the manner with which to perceive what they called the “life” and “soul” of the city, before any intervention plan or proposal. Through historical studies, formulated by Poëte, and through sociological investigations, developed by Bardet, urbanism should go beyond the limits of forms, of sectorized readings to encompass a complex totality.

KEYWORDS: Evolution of cities. Gaston Bardet. Marcel Poëte. Urbanism. Paris. Rome.

INTRODUÇÃO

O PRESENTE ARTIGO é decorrente de uma tese desenvolvida sobre o pensamento urbanístico de Gaston Bardet², pautada na noção de circulação das ideias e no entendimento de que as concepções por ele formuladas se relacionaram ao contexto intelectual, político e sociocultural. Ora refletindo, ora propondo, Bardet buscou responder à agenda posta por seu tempo. Por isso, a leitura de sua obra foi constantemente balizada pelos debates, disputas, filiações e acontecimentos em que esteve envolvido, os quais permitiram entrelaçar os fios que configuram a trama histórica em que estava inserido.

Ao longo da pesquisa, não houve intento de buscar a origem dos fatos para construir uma narrativa em sequência, mas sim de realizar incursões aos momentos mais relevantes da constituição do pensamento urbanístico estudado. Segundo Foucault (2008, p. 6), na arqueologia do saber “o problema não é mais o rastro, mas o recorte e o limite; não é mais o fundamento que se perpetua, e sim as transformações que valem como fundamento que se perpetua”. Neste processo, alguns pontos de inflexão se destacaram, entre os quais se pode citar o encontro e início da parceria profícua de Gaston Bardet e Marcel Poëte, recorte sobre qual será falado aqui.

Mas, quem foram esses urbanistas e por que interessa estudá-los?

Seja pelo papel exercido na documentação e divulgação da história das cidades ou pelo empenho em consolidar o urbanismo enquanto campo disciplinar, Marcel Poëte³ é recorrentemente citado na historiografia como fundador do urbanismo francês. Entre os trabalhos desenvolvidos sobre ele, o de maior destaque é certamente o de Calabi (1997). De forma metodológica, a leitura dessa autora se estrutura em três eixos: (I) as fontes e filiações nas quais ele se aportou; (II) sua visão de mundo, as interlocuções e os rebatimentos na obra construída; (III) seu legado, ou perpetuação do pensamento por meio da obra e de seus alunos.

Nos três eixos, a cidade de Paris é o fio condutor, que Marcel Poëte permitiu enxergar à lupa. A cidade foi lida pela pesquisadora por meio de fontes diversificadas: dos arquivos escolares do estudante às exposições, livros e cartas do profissional renomado⁴. Os movimentos de pensamento que gravitavam em torno de Poëte foram identificados na narrativa, à medida que ele aderiu ou se distanciava. Dessa forma, Calabi desvencilha processos históricos complexos, sistemas culturais, estratégias institucionais e ordens escondidas. Outro estudo denso que cabe destacar é o de Manzione (2006). Ao analisar as vertentes discursivas do “urbanismo como ciência” ao afirmar que Poëte teve um “discurso urbanístico” fundador, que lançou as bases teóricas do campo na França, comparável ao de Gustavo Giovannoni na Itália.

Sobre Gaston Bardet⁵, nota-se a existência de estudos historiográficos que o rotulam com adjetivos por vezes contraditórios, tais como “construtor de uma abordagem original”, “humanista”, “opositor do urbanismo modernista”,

“teórico do urbanismo francês”, “místico”, “não conformista”, “conservador”, “formador de urbanistas”, “continuador de Marcel Poëte”, “codificador” e “produtor de um pensamento autônomo”.

Para Frey (1999, 2001), Bardet atuou como um urbanista que constituiu uma abordagem original sobre as aglomerações urbanas. Ele também o qualifica como um dos principais teóricos do urbanismo francês até 1950, por ter atrelado a análise do espaço urbano ao espaço social, associando o urbanismo aos aportes da História, da Geografia e da Sociologia. Cohen (1978, 1989, 1996) corrobora a opinião de Frey e atribui a esse urbanista o adjetivo “humanista”. O autor enfatiza que as posições bardetianas sobre “[...] industrialização e forma urbana ou rural são parte da cultura arquitetural” na França (COHEN, 1978, p. 75).

Anos depois, Cohen (1997) apresenta uma nova leitura que reduz Bardet aos embates e polêmicas que implicaram no isolamento desse urbanista, sem deixar de remeter também ao fato de ele ter adotado uma postura mística nos últimos anos de vida. Bullock (2010) e Rigotti (2001) são convergentes, ao afirmarem que o descrédito de Bardet na França foi resultado de sua contraposição ao urbanismo modernista e participação como urbanista no governo de Vichy.

Mesmo sem tratar diretamente da contribuição de Bardet, Gutiérrez (2007) e Almandoz (2008) mencionam a circulação das ideias de autoria dele na América do Sul. A passagem dele pela Argentina é mencionada por Rigotti (2001); no Brasil, foi Pontual (2014, 2016) quem fez esse registro. Todos esses autores destacam a capacidade apresentada por Bardet de atrelar os métodos de pesquisa social ao urbanismo e a rede de relações profissionais tecida entre o francês e os sul-americanos.

Tanto Poëte quanto Bardet deixaram um legado relevante para o campo do urbanismo. Pensaram as cidades pautados na pré-existência, na continuidade e buscaram formas de apreender para além das formas físicas, no entanto, são referências ainda pouco discutidas. O presente artigo tem o objetivo de trazer à tona um pouco da contribuição de ambos, explorando a noção de “evolução das cidades” e como esta balizou o olhar deles sobre as cidades de Paris e Roma.

Para tal, foi necessário contextualizar o campo do urbanismo na França. Em seguida, partiu-se para as principais ideias de Marcel Poëte, principalmente no livro *“Paris, son évolution créatrice”* (1938) e na leitura urbanística apresentada por Bardet (1937) em *“La Roma de Mussolini”* (1937). Além dos livros citados, serviram como fontes primárias, as revistas francesas de Arquitetura e Urbanismo: *La Vie Urbaine, l'Architecture Française, L'Architecture d'Aujourd'hui, Urbanisme, Le monde souterrain* e *Paris et la région capitale*. De igual modo, foram fundamentais os documentos pesquisados na Biblioteca Poëte et Sellier (*l'École d'Urbanisme de Paris, EUP*) e no *Centre d'archives d'architecture du XXe siècle - Cité de l'architecture et du patrimoine* (Fond Bardet).

UM PANORAMA SOBRE URBANISMO FRANCÊS (1900-1940)

O processo de industrialização e a vertiginosa urbanização transformou radicalmente cidades por toda Europa, no âmbito espacial, social e cultural. De acordo com Mumford (2004, p. 484), entre 1820 e 1900, a desordem e a destruição nas grandes cidades eram semelhantes às de um campo de batalha, resultando no “[...] mais degradado ambiente urbano que o mundo jamais vira; na verdade, até mesmo os bairros das classes dominantes eram imundos e congestionados”. Sobre esse momento de ruptura, as contribuições de Choay (2005) e Calabi (2012) destacam a emergência das primeiras instituições, dos congressos, das revistas, das teorias e até mesmo utopias, no sentido de alcançar certo equilíbrio entre o crescimento populacional, o ambiente e a ordem social. Essa empreitada envolve médicos, sanitaristas, engenheiros e higienistas em geral. Alarmados pelas epidemias, colocaram a questão da salubridade como prioritária, sobretudo, por meio do acesso ao saneamento, ventilação e insolação. É o período das grandes reformas urbanas, que tentam adequar as formas urbanas medievais às demandas da vida moderna, como a emblemática Reforma de Paris.

Nesse contexto de transformação, o *Musée Social* (1895) foi criado como organismo filantrópico e reuniu profissionais liberais, médicos, políticos, estudantes e industriais. Inspirados pelo sociólogo Frédéric Le Play (1806-1882), os membros se propuseram a pesquisar, divulgar e propor as questões relativas ao crescimento urbano, habitabilidade, higiene moral, salubridade e organização do trabalho (CALABI, 1997).

As discussões do *Musée Social* eram divididas em seções. Em 1908, foi criada a *Section d'Hygiène Urbaine et Rurale* (SHUR), composta por engenheiros, arquitetos e membros da administração pública. Nela foram delineados temas específicos como: o combate à especulação, aquisição de terrenos públicos, criação de um sistema de parques e espaços públicos, promoção da habitação social, aprovação de legislação urbanística, normas construtivas de higiene e articulação política. Marcel Poëte fez parte da SHUR, junto a Jules Siegfried, Louis Bonnier, George Bechman, León Jausseley, Robert de Souza, Jean-Marcel Alburtnin, Honoré Cornudet, Eugène Hénard, Donat-Alfred Agache, Augustin Rey, Georges Hottenger, Georges Bechmann, Jean-Claude Nicholas Forestier e Henri Sellier.

Entre as principais realizações da SHUR está a aprovação da Lei Cornudet, a primeira dedicada ao urbanismo e à planificação das cidades francesas. Embasada em preceitos higienistas, arqueológicos e estéticos, a lei fixou a obrigatoriedade do “Plano de Organização, Embelezamento e Extensão” para comunas que se encaixavam nos critérios específicos⁶.

Do núcleo do *Musée Social*, originaram inúmeras instituições, associações e redes profissionais, como foi o caso da *Société Française des Urbanistes* (SFU), fundada em 1911, representando mais um avanço no sentido de delimitar as práticas circunscritas no campo do urbanismo. No seu estatuto fundador,

consta como objetivo “[...] o estudo de questões relativas à construção e melhoria das aglomerações urbanas e rurais, assim como o desenvolvimento desta ciência e defesa dos interesses profissionais comuns aos técnicos urbanistas” (SOCIÉTÉ FRANÇAISE DES URBANISTES, 1920, p. 1, tradução nossa).

A SFU foi uma associação profissional que reuniu os arquitetos que faziam parte da SHUR, gerando a possibilidade de realizar contratos para planos urbanísticos na França e no estrangeiro. Entre os membros fundadores constam os nomes de Forestier (engenheiro), Ernest Hébrard (paisagista), Marcel Auburtin, André Bérard, Albert Parenty, Edouard Redont, Léon Jaussely, Henri Prost, Eugène Hénard e Alfred Agache (arquitetos).

Sobre a SFU, três aspectos merecem ser aqui destacados: primeiro, a presença de arquitetos de formação *Beaux-arts*, tal como Bardet, que fará parte da instituição nos seus primeiros anos de atuação; segundo, a participação marcante de Poëte na SHUR fez com que suas ideias circulassem amplamente entre os membros da SFU. A SFU, a SHUR e o IUUP tiveram muitos nomes em comum, configurando o que Guillot (2017) chamou de “nebulosa Sévigne” – a aglomeração de profissionais, políticos, professores e instituições de diferentes procedências na rua *Sévigné*, endereço oficial da *Bibliothèque historique de la ville de Paris*.

Essa biblioteca era dirigida por Poëte, que promoveu os primeiros cursos e exposições marcantes sobre a história da cidade de Paris, o que desencadeou a criação da *École des Hautes Études Urbaines*, em 1919 e posteriormente *Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris* (IUUP), em 1924. Para Chevalier (2000), esse processo de reconhecimento universitário foi o passo definitivo para legitimar de forma intelectual um modo de ação pública e certificar um corpo técnico para o exercício da profissão de urbanista.

O prestígio do IUUP atraiu alunos de diversas nacionalidades, fomentando a circulação das ideias do grupo entre parte considerável de uma geração de urbanistas, como ressalta Calabi (1997). A criação desse instituto acrescentou novos temas aos debates urbanísticos vigentes. Num contexto cujos limites de Paris davam lugar aos da Região Parisiense, o IUUP empenhou-se em formar profissionais aptos a compreender os movimentos de aglomeração urbana, tão abertos às novas soluções quanto sensíveis à cidade pré-existente. O corpo de professores formado por diversificadas formações – engenheiros, políticos, geógrafos, administradores, juristas –, somava complexidade ao debate limitado dos arquitetos urbanistas. A figura de Marcel Poëte, como professor e defensor do estudo das fontes históricas na disciplina “Evolução das cidades” foi determinante, e Gaston Bardet estava entre seus primeiros alunos.

O campo do urbanismo se constituiu a partir da confluência de vários saberes e da intensa circulação das ideias que marcaram as primeiras décadas do século XX. Ainda que o foco desta narrativa seja a França, o processo de surgimento de novas instituições, leis, planos, revistas, congressos e cursos aconteceu com semelhanças e diferenças na maior parte dos países, à

medida que precisavam lidar com a explosão demográfica das cidades e com a industrialização.

PARIS: A NOÇÃO DE EVOLUÇÃO COMO CHAVE PARA COMPREENSÃO DAS CIDADES

O trabalho na biblioteca e o ambiente intelectual de Paris na virada do século espertaram em Poëte o interesse pelo potencial das fontes documentais no estudo das cidades e pela divulgação de tais estudos ao grande público. Diante da transformação voraz da metrópole, ele começou a organizar exposições de bastante popularidade: *La vie populaire à Paris par les livres et illustrations* (1907); *Un promenade à Paris au temps des Romantiques* (1908); *Paris sous la République de 1848* (1909); *Les transformations de Paris sous le Second Empire* (1910).

Nessas exposições, Poëte construiu uma narrativa do passado por meio do uso diversificado e inovador das fontes: iconografias, cartografias, relatórios, dados, manuscritos originais etc. Para ele, o estudo da “evolução das cidades” poderia inscrever as práticas de intervenção urbana no campo disciplinar do Urbanismo. Assim, tomou como missão o estudo e o ensino dessa noção, formulando procedimentos para pesquisa e trato da documentação e transmissão do conhecimento (CALABI, 1997). Paralelamente às exposições, Poëte criou cursos sobre a História de Paris nas dependências da biblioteca e ciclos de conferências abertas ao público interessado. A presença de Marcel Poëte na institucionalização e no ensino do urbanismo francês rendeu protagonismo ao estudo da História no conjunto de saberes aglutinados na constituição do urbanismo como campo disciplinar. A chave para a compreensão do pensamento *poëtiano* está no entendimento da cidade como um “organismo vivo” em evolução, como mostra a seguinte explanação:

A evolução é um fato de uma ordem científica, que se aplica ao mundo vivo. Dizer que a cidade está evoluindo é considerá-la como um organismo em si. [...] O organismo urbano não é uma imagem, mas uma realidade viva. A cidade é mais do que apenas uma manifestação de vida; é também uma forma (POËTE, 1938, p. 1, tradução nossa).

Além de buscar com afincado conferir unidade à história fragmentada das ideias e das transformações urbanas, Poëte apoiou-se na teoria vitalista para combater o entendimento de que a cidade seria redutível à matéria inanimada ou simples aglomerado de edifícios construídos. Foi com base nela que enunciou a noção de “alma da cidade”, para abarcar o conjunto de características peculiares, permanentes e modeladoras da cidade no tempo, tais como aspectos religiosos, morais e culturais.

Sob a ação do meio exterior – que exprime como os seres, as coisas, as ideias e os sentimentos surgem – e sob o efeito da reação dos meios urbanos internos, a cidade evolui. [...] Sua personalidade é composta de todo o seu passado, constantemente acrescido pelo presente fugaz e

imprevisível que o ser urbano, de fato, cria, ao associar às circunstâncias imprevistas o jogo do livre arbítrio humano. Nenhum determinismo conecta esta vida de cidade, ondulante e diversa. Tal existência permaneceria um enigma, se alguém negasse a existência da alma. São os impulsos desta e não os dados materiais que marcam os estágios da evolução urbana. As forças econômicas, tão importantes quanto parece ser seu papel, são controladas pelas forças morais, únicas verdadeiramente criadoras (POËTE, 1938, p.7, tradução nossa).

Apesar de se distinguir das características materiais, a “alma da cidade” é indissociável da matéria que ela anima. Essa noção deriva do “elã vital” – uma força criadora presente em todos os seres vivos –, e revela o forte impacto da obra do filósofo Henri Bergson⁷ no pensamento de Poëte.

A obra de Bergson teve bastante repercussão no contexto intelectual do início do século XX, sobretudo nas Ciências Sociais, que eram até então conduzidas por postulados positivistas e materialistas. Seu livro mais conhecido, “*L'évolution créatrice*”, publicado em 1907, defendeu a impossibilidade de alcançar conhecimento absoluto das coisas. Para o filósofo, existiam dois tipos de conhecimento – através da inteligência e da intuição –, que poderiam ser alcançados por duplo caminho.

O primeiro tipo de conhecimento seria alcançável pela inteligência, ou seja, pela ciência da matéria, reduzindo a capacidade de “[...] iluminar nossa conduta, preparar nossa ação sobre as coisas, prever, com relação a uma situação dada, os acontecimentos favoráveis ou desfavoráveis que podem seguir” (Bergson, 2005, p. 32). A outra forma de conhecimento se daria pela intuição, que tem ligação direta com a essência ou apreensão inata das coisas e se compreende por meio da noção de tempo e duração. Portanto, a intuição é o que se conecta diretamente ao elã vital, permitindo a experiência direta, o conhecimento intuitivo.

No pensamento bergnosiano, o entendimento do tempo é o da continuidade que seja consciente, seja imanente. Tal compreensão para Bergson (2005) divergia daquelas, consideradas no contexto intelectual de então, como construções segmentadas, delimitadas da experiência da vida. Em reação, esse filósofo adota a continuidade da consciência como um axioma e a associa à duração “[...] como progresso contínuo do passado que rói o porvir e que incha ao avançar” (Bergson, 2005, p. 5). Ademais, a dificuldade de entender o tempo real pelos que encampavam as ciências da matéria, estaria, entre outros argumentos, por portarem uma noção de tempo considerada “[...] inútil e, mesmo irreal” (Bergson, 2005, p. 41), e não aplicável à concepção da vida como união de “[...] liames invisíveis à totalidade dos seres vivos” (Bergson, 2005, p. 47). Os liames invisíveis ou evolução da vida “[...] não desenha uma estrada única, de que se embrenha em direções sem, no entanto, visar objetivos e de que, por fim, permanece inventiva até em suas adaptações” (Bergson, 2005, p. 112).

Esses pontos destacados não têm a pretensão de fazer uma fundamentação epistemológica no campo do conhecimento, nem especificamente no

que se refere as vertentes do evolucionismo. Porém, não há como deixar de reconhecer que a filosofia evolucionista, desde o século XIX, deu suporte a contribuições significativas no campo das ciências humanas e sociais. A exemplo das obras de Marcel Poëte, Gaston Bardet, Patrick Geddes e Lewis Mumford, para citar apenas urbanistas, chegando até hoje como uma noção-chave em muitas das pesquisas e trabalhos publicados não só no Brasil, como também em outros países. Cabe trazer as palavras de Randle (1972, p. 6), sobre a ressonância de Bergson nas obras dos urbanistas citados: “*Por lo demás, el concepto de evolución tal cual lo empleamos – no por simple arbitrio, sino porque existe ya una tradición intelectual en ese sentido según se verá más adelante – tiene raíces em Bergson [...]*”.

Para estudar a “evolução das cidades”, Poëte considerou os movimentos urbanos na “duração”, procurando compreender que cada cidade teria uma alma, um fluxo histórico e fases particulares. Esse raciocínio fundamentou seu primeiro grande estudo, “*Une vie de cité. Paris de sa naissance à nos jours*”, dividido em quatro tomos: I. *La jeunesse* (1924); II. *La cité de la Renaissance* (1927); III. *La spiritualité de la cité classique* (1931); IV. *Album* (1925) [síntese das demais apresentada em iconografias].

Ao analisar o discurso urbanístico de Marcel Poëte, Manzione (2006) definiu quatro noções-chave: continuidade, ser vivo, ciclo vital e evolução. Segundo o autor, a noção de “continuidade” em Poëte é paradoxal, pois consiste na permanência que legitima as transformações. As permanências são remanescentes das transformações urbanas que têm força para guiar as escolhas do que se pode transformar no futuro, por exemplo, um centro histórico que permanece guardando características locais.

Considera-se que é a continuidade que torna incongruente a prática da *tábula rasa* e situa o pensamento de Poëte no sentido diametralmente oposto ao de Le Corbusier. Enquanto para o historiador, “evoluir” significava continuar de algum ponto que pudesse conduzir a transformação natural da cidade e manter o elo com o passado, para o arquiteto era sinônimo de progresso, transformação e ruptura com a cidade antiga. Para Poëte, o centro de Paris era o coração da cidade que evoluiu radialmente ao longo da história, enquanto Corbusier considerou sua demolição para dar lugar à *Ville Radieuse*.

No livro “*Paris, son évolution créatrice*” (POËTE, 1938), Poëte deixou explícita a filiação *bergsoniana* ao apresentar as transformações da capital a partir da noção de “evolução criadora”. Para o historiador-urbanista, a “vida da cidade” era fluida e continuamente mutável. Logo, o estudo da evolução seria a chave para compreensão dos “movimentos vitais” da cidade. Ao seu ver, a “alma da cidade” era resultado do passado em constante movimento criador, como uma célula em contínua multiplicação.

Poëte também propôs nesse livro o estudo da cidade a partir dos dois caminhos de conhecimento: intuição e inteligência. O primeiro teria como ponto de partida o homem, os movimentos religiosos, sociais, artísticos e culturais,

sobretudo por intermédio da história que permitia compreender o “espírito” de cada época. O segundo objetivava apreender as condições físicas, geográficas, demográficas e econômicas, através dos métodos de levantamento e pesquisa.

A união dos dois percursos investigativos permitiria constituir uma compreensão total, ou seja, uma apreensão da “evolução da cidade” em sua dimensão material e imaterial. Tal conhecimento, para Poëte, evitaria que urbanistas, ao intervir nas cidades, cometessem erros grosseiros e mutilações em características por ele consideradas “essenciais”.

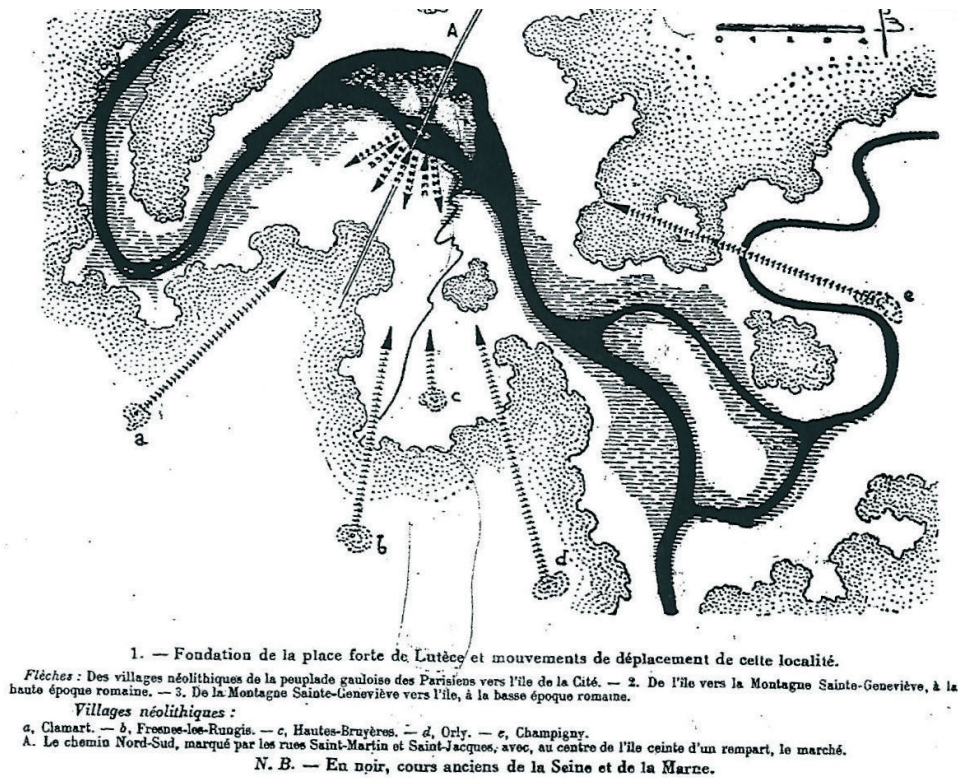
Para estudar a cidade, não se deve partir da terra, das condições geográficas ou econômicas, mas do ser humano, no qual se manifesta a espiritualidade criativa. Só será em segundo lugar que se observará o uso graças à inteligência humana da natureza pelo homem (POËTE, 1938, p. 18, tradução nossa).

Resumindo, a adesão de Poëte a Bergson pode ser apreciada como uma visão organicista da cidade, ou seja, como um ser vivente em mutação contínua, cujo “diagnóstico” deve verificar toda a “evolução” anterior e os fatores causais dessas mutações. Para tanto, deve-se lançar mão de instrumentos de outras disciplinas para adaptar a natureza ao homem. Por outro lado, há um consenso historiográfico de que o tempo e a duração para Poëte é um contínuo, cujo presente deriva do passado. Desse modo, para além da concepção biológica da cidade, ele inter-relaciona a da história, ambas filiadas à filosofia bergsoniana.

“*Paris, son évolution créatrice*” marcou a filiação de Poëte a Bergson, mas também de Bardet aos dois teóricos que moldaram consideravelmente seu pensamento urbanístico. Tal confluência assinala uma relação de colaboração mútua, manifesta, por exemplo, no fato de que Poëte utilizou os esquemas gráficos elaborados por Gaston Bardet como poderosa ferramenta de ilustração e síntese.

O esquema gráfico a seguir (*Figura 1*), por exemplo, ilustra o momento do “nascimento” de Paris. Segundo Poëte, a cidade nasceu da fortaleza de Lutèce, localizada na pequena *Île-de-la-Cité*, representada no ponto de encontro de todas as setas. A partir desse ponto, surgiram os primeiros caminhos criados por povos primitivos e animais selvagens (reta A). Os tracejados (a, b, c, d, e) simbolizam outros movimentos partindo de “povoados neolíticos”, convergindo de modo a formar a cidade. Já as setas de sentido duplo (1,2) representam os movimentos de perturbação nos períodos de dominação romana.

A princípio, a *Figura 1* chama atenção pela profusão de setas, elementos e texturas, mas, à medida que se avança na leitura do texto, ela se torna um aporte indispensável à compreensão dos argumentos de Poëte: (I) O elã vital de Paris está no instinto de defesa, que unido ao desenvolvimento do espírito societário se expressa na *Île-de-la-Cité* – ponto facilmente identificado como radial de todas as setas; (II) Nenhuma fé preside o nascimento desta cidade, que surge do cruzamento de povos primitivos e destes caminhos com o rio;



31

FIGURA 1 - Fundação da Fortaleza de Lutèce e movimentos de deslocamento populacional (desenho de Gaston Bardet).

Fonte: Poëte (1938, p. 31), cedida mediante autorização do detentor dos direitos autorais.

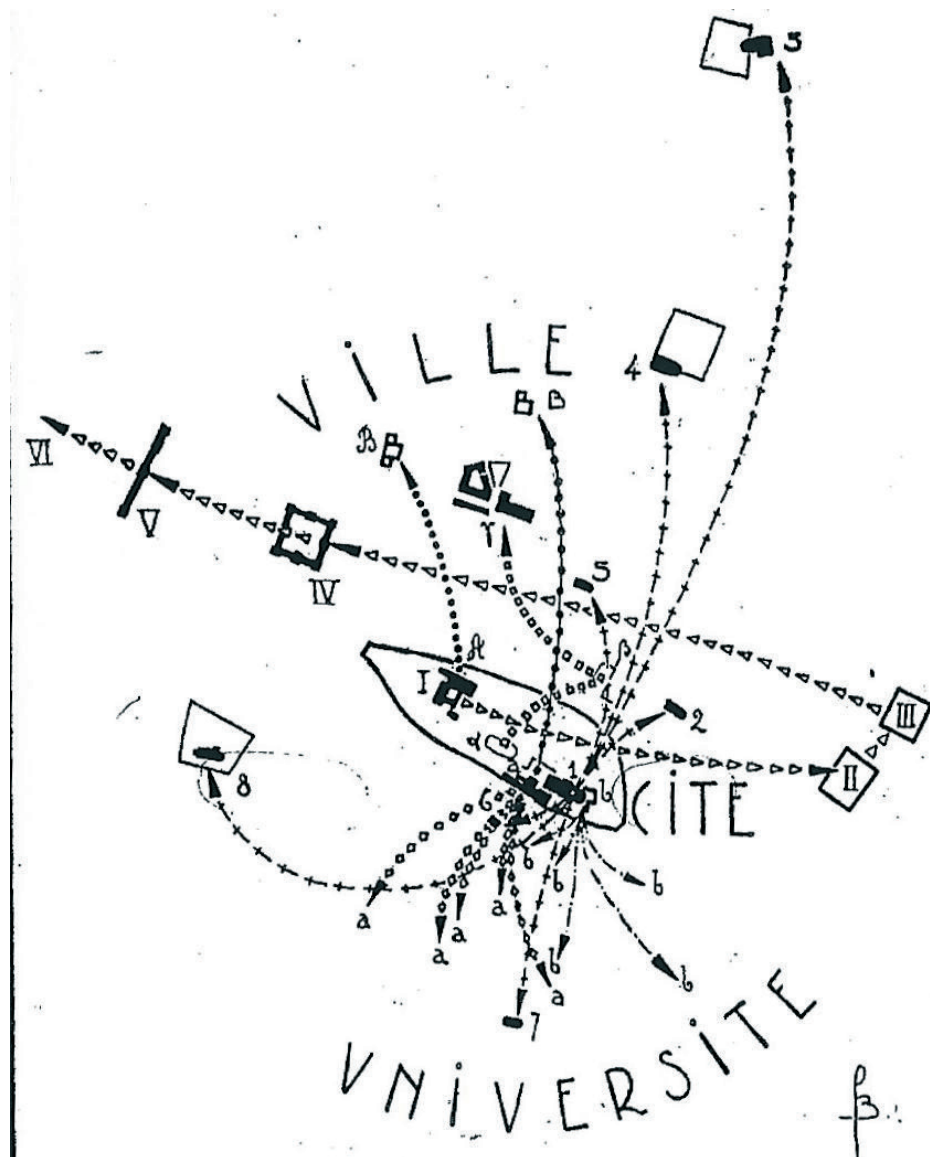
(III) Na origem desta cidade está o cruzamento do caminho de terra e da via de água que direciona para uma ilha, lugar de defesa que permite ao homem se proteger (POËTE, 1938).

Ao longo de todo o livro, os sucessivos esquemas permitem identificar o “elã vital” da cidade, ainda que representem diferentes movimentos, temporalidades, temáticas e complexidades. Na Figura 2, estão representados os movimentos de fusão e dissociação de elementos catalizadores da “vida” urbana. As setas indicam monumentos e equipamentos capazes de gerar ou mudar a dinâmica de determinados territórios, por exemplo: a habitação real, que passou do Palácio (I), ao Hotel Saint-Paul (II), Tournelles (III), Louvre (IV), Tuileries (V) até chegar em Versailles (VI). Há também indicações de movimentos gerados pelo deslocamento do mercado (α), das escolas (b), teatro (β) e outros equipamentos da cidade moderna (POËTE, 1938).

Por meio de treze esquemas, Bardet traduziu graficamente a evolução de Paris narrada por Poëte, ao passo que se apropriou do seu modo de compreender as cidades. Partindo de uma base cartográfica simplificada, dotada apenas de representações da hidrografia e relevo em escala, ele representou transformações urbanas relacionadas às guerras, invasões, religiões, migrações, movimentos artísticos e outros fatores como a influência do meio externo. Entretanto, à medida que as ilustrações se tornam mais complexas, o texto apresenta-se mais inteligível e acessível. Enfim, se pode perceber que

FIGURA 2 - A dissociação de elementos urbanos originalmente unidos (desenho de Gaston Bardet).

Fonte: Poëte (1938, p. 49), cedida mediante autorização do detentor dos direitos autorais.



6. — La fusée de la vie ou la dissociation d'éléments originellement conjoints.

Du Palais (I) sort l'habitation royale qui va à l'hôtel Saint-Paul (II), puis aux Tournelles (III), enfin au Louvre (IV), aux Tuileries (V) et à Versailles. (VI). — Du Palais (I) sort la Bourse (A) qui va sur la rive droite (B). — Le Marché passe de la Cité (α) à la Place de l'Hôtel-de-Ville (β) et, de là, aux Halles (γ). — De la cathédrale (1), essaient les établissements religieux tels que, par exemple : Saint-Gervais (3), Saint-Lazare (3), Saint-Martin-des-Champs (4), Saint-Merri (5), Saint-Julien-le-Pauvre (6), Sainte-Genève (7), Saint-Germain-des-Prés (8). — De la cathédrale (1), sort le théâtre, qui va sur la rive droite (B). — Du cloître Notre-Dame (b), sortent les écoles, qui vont sur la rive gauche (a). — De l'Hôtel-Dieu (a), les collèges (a) essaient sur la rive gauche.

Bardet apropriou-se das ideias de Poëte, principalmente ao destacar o eļã vital de Paris – visãõ organicista representada pela *Île-de-la-Cité*. Ao considerar o nascimento dessa cidade decorrente da relaãõ da natureza com o homem (rio e povos primitivos), uma evidênciã científica. E expressar o “mito” da origem como uma açãõ do homem modificando a natureza utilizando a arte –, uma visãõ histõrica.

No livro, nota-se ainda a proficiã parceriã entre o mestre-historiador, cujas investigaãões detalhadas eram explanadas através de texto narrativo linear, e o aluno-arquiteto, criativo, com habilidades em representar e trans-

mitir os movimentos descritos. Para Poëte, um urbanista não poderia fazer algo eficaz sem conhecer a evolução das cidades. Somente a partir dela seria possível tomar decisões como o melhor sentido para expansões, os perímetros de preservação, as demolições possíveis e o caráter das novas criações. Incorporar a filosofia vitalista ao conjunto de saberes que conformou o urbanismo significou admitir uma dimensão que não poderia ser generalizada por leis e padrões abstratos, pois precisava ser percebida.

ROMA: UM LABORATÓRIO DE EVOLUÇÃO E URBANISMO

Em 1932, Gaston Bardet apresentou o trabalho “*La Rome de Mussolini, contribution à l'étude du plan régulateur 31*” para conclusão do curso de urbanismo no IUUP. Sob orientação do Professor Marcel Poëte, ele desenvolveu um trabalho que atrelou o estudo da evolução urbana à planificação da cidade futura. O aluno foi ousado ao propor contribuições para um plano ainda recente – quase que elaborado paralelamente à pesquisa – e, mais ainda, ao encarar o desafio de escrevê-lo sem ir a Roma, utilizando principalmente bibliografia francesa (BARDET, 1932; UN FRANÇAIS..., 1932).

Em 1937, a monografia foi publicada como livro – objeto desta análise (Figura 3). Na ocasião, o trabalho foi novamente reconhecido recebendo o *Grand Prix de l'Exposition Internationale de Paris* (LE JURY..., 1937). Segundo recortes da imprensa, o livro foi amplamente divulgado e bem-recebido pela crítica, com resenhas positivas em revistas como *Arquitetura y Urbanismo* (Cuba), *l'Urbe* (Itália), *Construction Moderne, Beaux Arts e l'Architecture d'Aujourd'hui* (França), entre outras.

No intervalo entre a defesa da tese e a publicação do livro, Bardet viajou a Roma e aproveitou a oportunidade para complementar a análise com dados atualizados, iconografias e a própria experiência de observação da capital⁸. Tudo isso rendeu algumas alterações, como a incorporação de um capítulo sobre a análise demográfica e a avaliação das primeiras implementações do Plano de 1931.

“*La Rome de Mussolini*” é uma obra sobre como o urbanismo pode intervir na fisionomia e na “alma da cidade”. É o livro de urbanismo menos comentado de Bardet, entretanto, pode fomentar várias análises, tanto pelo modo como o argumento é construído, quanto pelo conteúdo que apresenta.

A escolha de Roma como objeto de estudo não é surpreendente se considerarmos que a primeira formação de Bardet foi de arquiteto na *École National Supérieure de Beaux Arts*. Sabe-se que a Itália, considerada fonte dos primeiros tratados de arquitetura e urbanismo, era objeto de interesse de artistas e intelectuais. Desde o Renascimento, as viagens de formação à Itália eram comuns entre membros da elite, jovens artistas e arquitetos promissores.

O interesse por Roma também é notável nos inúmeros artigos da revista *Le Maître d'Œuvre*, quando uma edição completamente dedicada à cidade foi organizada por Vago (1930), editor-chefe da *Architecture d'Aujourd'hui*. Na apresentação,

FIGURA 3 - Capa do livro (desenho de Gaston Bardet).

Fonte: Bardet (1937), cedida mediante autorização do detentor dos direitos autorais.



o editor afirma que o desenvolvimento urbano de Roma, em diversas fases, era “um dos problemas mais interessantes do urbanismo moderno”, pois os remanescentes da cidade histórica constituíam um desafio para a elaboração de novos planos de organização e extensão. Prestigiado entre meios franceses e italianos, o editor conseguiu reunir e apresentar fontes oficiais (dados, gráficos, fotografias e cartografias) concedidas por engenheiros do escritório de organização da cidade de Roma. Tornando-se, portanto, uma preciosa fonte para a pesquisa de Bardet.

Nesse sentido, é possível inferir que o estudo de Roma representou para Bardet a possibilidade de aplicar o conhecimento adquirido na disciplina “Evolução das Cidades” num objeto de estudo familiar desde o curso de arquitetura, ao mesmo tempo atual, por apresentar desafios enfrentados pelos urbanistas

franceses: problemas de circulação, criação de espaços públicos, intervenção no centro histórico e conservação de monumentos. A capital apresentava muitas camadas de forma urbana, muitos ciclos socioeconômicos, muitos movimentos populacionais, culturais e religiosos, constituindo, portanto, o laboratório perfeito para o urbanista.

Em *“La Roma de Mussolini”*, Bardet explicitou os fundamentos sobre os quais sustentou suas ideias do urbanismo como uma ciência de evolução das cidades, deixando evidentes a filiação a Poëte e Bergson. A aproximação com as ideias dos mestres aparece principalmente na tentativa de apreender Roma – tanto nos aspectos “espirituais” quanto “físicos” – pela teoria da evolução criadora. Numa abordagem muito próxima da proposta em *“Une vie de cité”*, Bardet apresenta logo no prólogo do livro “trinta séculos da vida” da capital italiana, referenciado historiadores clássicos como Fustel de Coulanges, André Piganiol e Tito Lívio.

A referência à Geografia Humana, sobretudo de Vidal de La Blache, se revela na investigação de Bardet sobre como o homem constituiu a cidade no constante cuidado em inter-relacionar os processos socioeconômicos de cada época às transformações espaciais. O prólogo apresenta ao leitor a compreensão de Roma tal qual um “organismo vivo”, com objetivo de fundamentar a análise desenvolvida a partir das características consideradas “essenciais”, ou seja, a partir da “alma da cidade” analisada.

É interessante notar que Bardet definiu etapas da transformação romana como movimentos desse “organismo”. Antes da Era Cristã, por exemplo, a capital foi retratada como um “organismo devorador”, que crescia alimentando-se dos territórios conquistados. Já na Idade Média, foi descrita como um “ser em desagregação”, que seria sufocado por séculos até voltar a respirar no Renascimento.

Cidade-polvo, Roma não se contenta em atrair estranhos por seus caminhos, a cada conquista, a fim de aumentar sua vitalidade, transfunde o sangue fresco dos povos conquistados [...]

A Roma da Idade Média não é apenas a cidade santa, pontuada de igrejas e conventos, mas também a cidade feudal, repleta de fortalezas. A cidade parece estar se fragmentando e se desintegrando [...]

O renascimento levanta assim uma nova cidade baseada no retorno aos conceitos clássicos de ordem e proporção, que dão uma serenidade contrastante com a instabilidade medieval [...] (BARDET, 1937, p. XII, tradução nossa).

Nas contínuas mudanças de Roma através da “duração”, Bardet identificou como características “essenciais”: a centralidade, a religiosidade e a historicidade dos elementos da morfologia urbana. Para o autor, Roma era o coração da Itália, uma cidade-museu, um cruzamento de rotas e povos que simbolizava no século XX o poder da unificação de um país tão diversificado. Cabe aqui destacar que, apesar da grande quantidade de mapas e fotografias, Bardet explicou a transformação de Roma sem desenvolver os esquemas gráficos, tão marcantes no estudo de Poëte.

Na primeira parte do livro, os capítulos foram dedicados a explicar a “gênese da Roma de Mussolini” (1871-1909). A perspectiva evolucionista permanece, porém, a prioridade é discutir a relação com a cidade pré-existente a partir dos sucessivos planos após a unificação italiana. As análises de Bardet demonstram seu olhar atento ao modo com que as intervenções propostas se relacionavam aos temas debatidos pelos professores do IUUP.

Um dos temas foi a circulação viária, na qual Bardet vislumbrava uma estratégia eficiente de preservação da forma e da ambiência urbana. A circulação subterrânea, por exemplo, era vista por ele como uma possibilidade de preservar a superfície, assegurar a sociabilidade da rua e evitar “mutilações” do tecido urbano, embora controversa pela destruição de artefatos arqueológicos. Ao longo de todo o livro, os temas da circulação e intervenção no centro histórico aparecem constantemente interligados – um rebatimento dos aprendizados que o autor alcançou ao participar do *Group d'Études du Centre Urbain Souterrain* (GECUS)⁹.

Sobre a necessidade de priorizar soluções eficazes para aliviar a circulação e conservação dos centros históricos, Bardet afirmou:

Na verdade, nunca devemos hesitar no traçado das principais artérias, como na via Nazionale: esta deve se impor com clareza e continuidade, a fim de absorver naturalmente a maior parte do tráfego mecânico e, assim, proteger efetivamente a ambiência das vias secundárias. Numa cidade-museu como Roma, é importante separar o máximo possível os pedestres e veículos, a fim de permitir o estudo cuidadoso dos monumentos e o florescimento da educação artística (BARDET, 1937, p.14, tradução nossa).

As demolições provocadas para abertura de uma via arterial eram admitidas por Bardet como uma “cirurgia” por vezes necessária, numa tentativa de resgatar a função vital da circulação na cidade. Essa posição convergia com a de urbanistas da *Société Française des Urbanistes* – Hénard, Agache e Jaussely, por exemplo –, que comparavam a abertura de eixos viários à “cirurgia conservadora”, cujo objetivo era evitar perímetros de demolição maiores.

No entanto, o mesmo não se pode afirmar das demolições provocadas pela prática da tábula rasa, como aconteceu na Reforma de Paris. Desse modo, a aversão de Bardet à tal prática e às soluções padronizadas indiferentes ao contexto urbano fica explícita no livro. Ele criticou, por exemplo, as destruições propostas pelo engenheiro Alessandro Viviani no Plano Diretor de Roma de 1873 para construção de perspectivas axiais inspiradas em Paris. Julgou-as como soluções em dissonância com as “leis naturais” de formação da cidade, resultando numa “uniformidade lamentável” e empobrecedora da experiência urbana proporcionada pelo aspecto pitoresco das ruas romanas.

Bardet também demonstrou preocupação com o traçado de vias secundárias para preservação do que denominou como “quadros urbanos” [perspectivas], como pode ser observado na citação a seguir:

Os cais são próximos a bairros pitorescos, que oferecem uma sucessão de pequenas pinturas urbanas que gostamos de ver a cada curva do rio, seja na luz vertical do meio-dia ou no cinza dourado do pôr-do-sol. É essencial que cada uma dessas frentes ribeirinhas carregue a marca do bairro que limita e esteja em sintonia com as ruas que se infiltram no interior construído (BARDET, 1937, p. 20, tradução nossa).

Nesse sentido, evidencia-se a aproximação de Bardet com os princípios disseminados por Sitte (1992), na obra *“Der Städtebau”*, por considerar o espaço urbano em sua tridimensionalidade e a diversidade de experiências no espaço urbano como um atributo. As perspectivas também estão presentes no livro de Unwin (2012), *“Town Planning in Practice”*, referenciado por Bardet ao longo de toda sua obra. É importante destacar que tanto Sitte quanto Unwin, quanto Poëte e Bardet se inserem numa cultura urbanística que valoriza a diversidade das estruturas pré-existentes, opondo-se à crescente uniformização almejada pelas intervenções de caráter higienista que se multiplicaram ao final do século XIX.

Da análise dos planos realizados durante o período que denominou a “gênese da Roma de Mussolini”, Bardet concluiu que toda desordem, incerteza e falta de direção das propostas refletiam as condições do Estado italiano, ainda disperso por ter sido unificado há relativamente pouco tempo. Essa conclusão se mostra convergente com o caráter centralizador e tecnocrata do regime, porém as observações nesse sentido ainda são rasas e desprovidas de substratos, aportadas em fontes secundárias, visto que o trabalho não foi sobre o Fascismo em si, mas sobre a política urbana empreendida por Mussolini. Bardet apresenta o ditador de modo ambíguo: se, por um lado, elogia-o pela capacidade de unificar urbanistas de diferentes vertentes, por outro critica a intransigência e contradição no que se refere à conservação e destruição da cidade antiga¹⁰.

Para Bardet, o *Piano Regolatore* de 1931 foi o grande plano da Roma de Mussolini, pois conciliava ideias antagônicas dos dois grupos que mais fomentaram os debates nos anos 1920: os *Urbanisti Romani* e *La Burbera* (BARDET, 1937, p. 58). Segundo ele, o grupo *Urbanisti Romani* – encabeçado por Marcello Piacentini –, tinha como proposta principal desafogar o centro, através da construção de artérias para melhoria do tráfego e da criação de novos centros para receber os edifícios públicos. Enquanto que o grupo *Burbera* – liderado por Gustavo Giovannoni –, partia no sentido contrário ao propor a manutenção da centralidade, reforçando-a com a abertura de duas grandes avenidas com intersecção no Fórum de Mussolini¹¹.

Ao primeiro grupo, Bardet teceu muito elogios, especialmente por considerar que a descentralização preservaria a “vida espiritual” do centro antigo resguardando-o das necessidades modernas, portanto, “exprimindo perfeitamente o seu pensamento” (BARDET, 1937, p. 68). Já o segundo grupo, foi visto com ressalvas devido às propostas que poderiam interferir na ambiência da Fontana de Trevi. Ao rejeitar tal ideia, Bardet apresenta uma análise que recorre aos princípios de Sitte, destacando a perspectiva e a percepção do espaço:

[...] mas que ideia tocar a ambiência da Fontana di Trevi! Este amontoado de mármore, estátuas e cavalos, esta imensa mancha branca que deslumbra porque o olho, privado do recuo, é forçado a ver num ângulo que vai além de suas possibilidades comuns. O bom efeito deste lugar fechado é que não há razão secundária que possa pegar o olhar, nenhuma perspectiva onde possa escorregar a atenção, impõe somente essa imensa muralha decorada de onde jorra vitoriosamente a água conquistada (BARDET, 1937, p. 58).

Os embates entre os *Urbanisti Romani* e *Burbera* tiveram fim quando foi criada uma comissão sob a presidência do Governador Boncompagni Ludovici, que resultou na proposta conciliatória do *Piano Regolatore* de 1931 (Figura 4).

Ao apresentar o plano, Bardet não se limitou a detalhá-lo, analisando minuciosamente as pranchas de diferentes intervenções e acrescentou também seus julgamentos, acompanhados de soluções alternativas. Não hesitou, por exemplo, em discordar da localização da estação ferroviária (Termini) que, na sua opinião, deveria ser mais distante do centro histórico transformando-se num atrativo para uma nova centralidade. Discordou igualmente da adoção

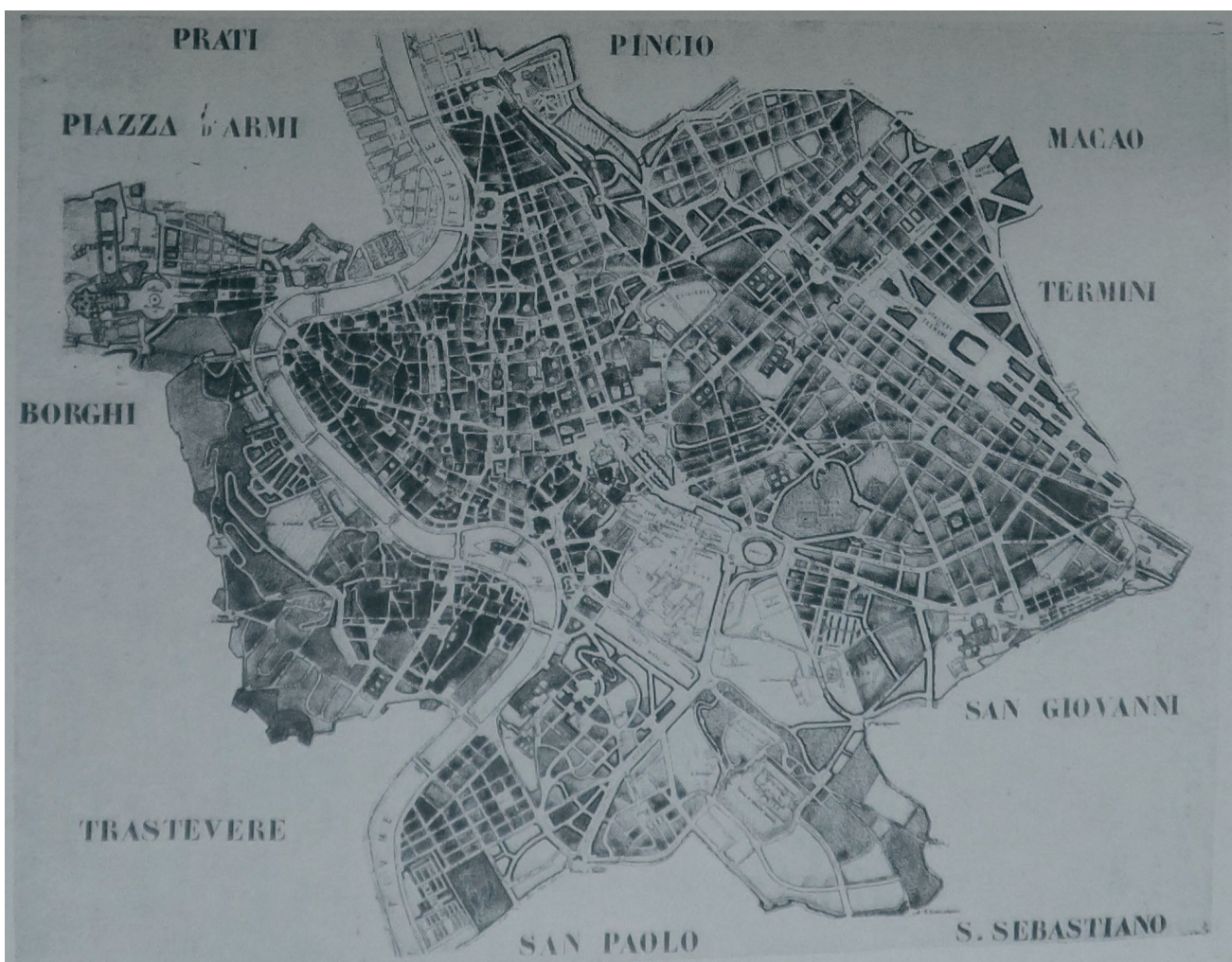


FIGURA 4 - Plano Regulador de Roma, 1931.

Fonte: Bardet (1937, p.105), cedida mediante autorização do detentor dos direitos autorais.

dessa como única estação de viajantes, argumentando que outras cidades do mesmo porte – Paris, Berlim e Londres –, tinham mais estações funcionando em plena capacidade.

Em vários trechos da análise, Bardet se mostrou atento à questão da ambiência dos conjuntos urbanos, a qual, no seu ponto de vista, estava atrelada à escala, perspectiva, cor e materiais. Outras noções como “fisionomia”, “panorama”, “caráter” e “atmosfera” aparecem imprecisas ao longo do texto, com o objetivo de complementar o que a ambiência abarcava. Para ele, a preservação focada apenas na dimensão material era ineficaz, como se observa na seguinte afirmação:

Esta preservação das belezas do passado não deve simplesmente incluir a pura e simples intangibilidade material dos monumentos – quase coisas mortas –, mas também a sensação de respeito pela atmosfera apropriada ao valor ou à história destes [...] foram redigidos regulamentos arquitetônicos relacionados não apenas ao tamanho e à altura dos edifícios a construir, mas também ao uso, caráter e cores destes (BARDET, 1937, p. 151, tradução nossa).

Em alguns momentos do texto, a preocupação de Bardet com a ambiência o aproxima das ideias desenvolvidas por Giovannoni. À maneira do italiano, Bardet prezava pela conservação de conjuntos, especialmente aqueles definidos por certa coerência espacial conferida primordialmente por aspectos visuais. Ambos os urbanistas eram contra a prática do despojamento do entorno de monumentos históricos, realizada muitas vezes sob a justificativa de valorização e salubridade.

Neste âmbito, Bardet corroborou com o posicionamento de Giovannoni na polêmica acerca do despojamento do *Augusteo*, considerando uma intervenção de “boa vontade enganosa” (BARDET, 1937, p. 114, tradução nossa). O entorno do monumento foi demolido, como previsto no projeto, ele lamentou o resultado afirmando que isso o reduziu à função de rótula giratória e questionou: “Mas o que podem fazer esses conselhos sábios [de Giovannoni] diante da palavra de ordem do Duce? [...] onde a grandeza da ideia e a magia das palavras escondem um grave erro de urbanismo” (BARDET, 1937, p. 114, tradução nossa).

Outro tema que mereceu atenção na análise de Bardet sobre o Plano de 1931 foi o sistema de espaços públicos e áreas verdes. Aportado em preceitos higienistas, ele elogiou o sistema radial-concêntrico de zonas verdes que “oxigenaria todo corpo da cidade” do exterior para o interior, consolidando no centro antigo uma “rede pulmonar” isolada das emissões poluentes e de outros problemas oriundos da circulação. A fim de exemplificar boas referências de sistemas de zonas verdes, o urbanista recorreu aos projetos de Forestier em Paris e de Jaussely em Barcelona.

As comparações com Paris são recorrentes ao longo do livro. Por exemplo, Bardet apresenta esquemas para concluir que havia “juventude” nas praças romanas e pobreza compositiva nas *hausmanianas* (Figura 5). O paralelo tem por objetivo criticar a falta de variedade, de relação com a escala e percepção humana que marcavam as intervenções modernas criticadas por Sitte. Bardet ressalta que, apesar de antigos, os espaços públicos romanos foram integrados aos equipamentos necessários à vida urbana (jardins, escolas, ginásios etc.), portanto, dificilmente se tornariam degradados e obsoletos.

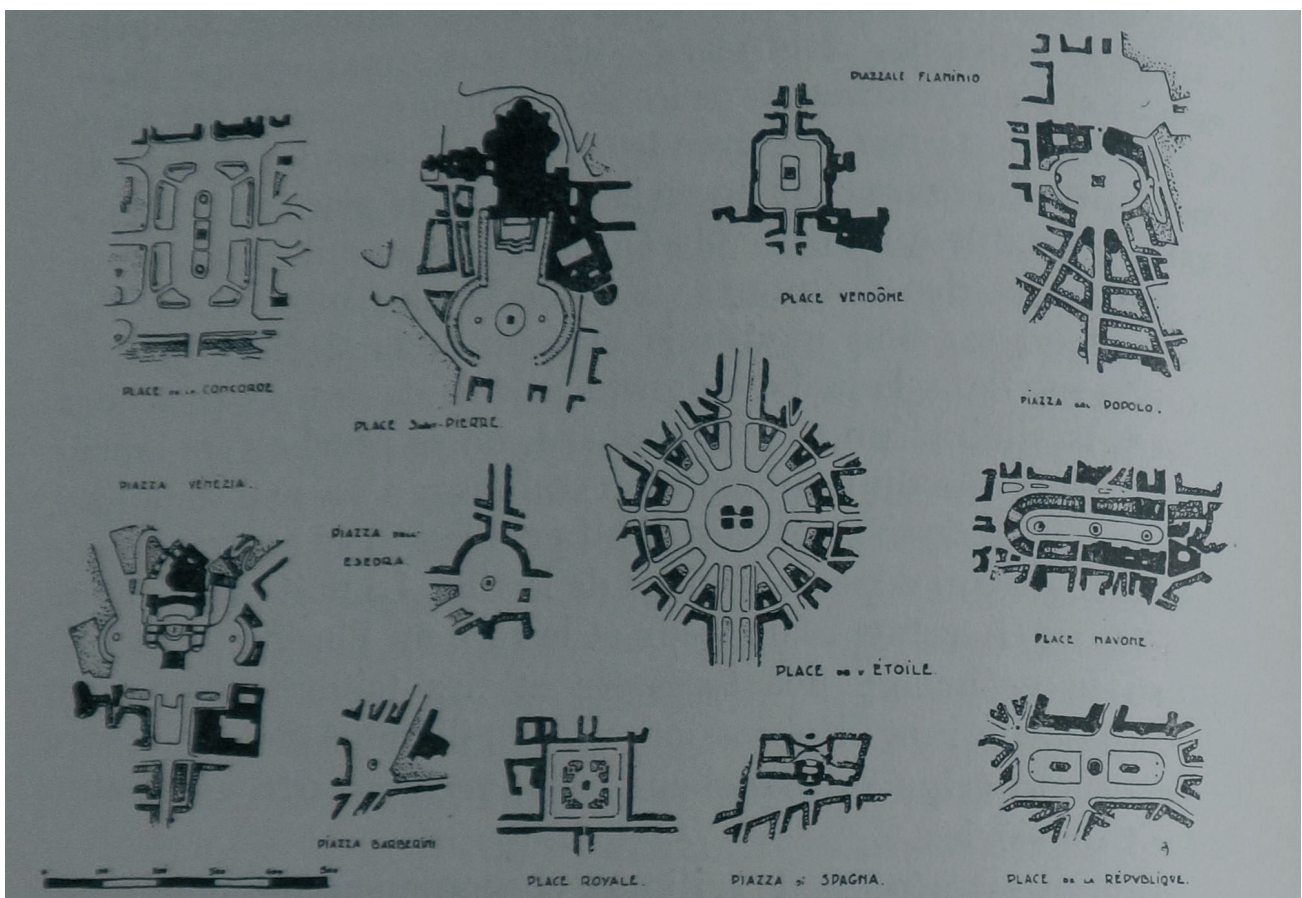


FIGURA 5 - Croquis das praças parisienses e romanas na mesma escala.

Fonte: Bardet (1937, p. 126), cedida mediante autorização do detentor dos direitos autorais.

A segunda parte do livro apresenta a análise de Bardet sobre as realizações do Fascismo e a aplicação do Plano Regulador de 1931. Para tal, ele define categorias que permitem tratar problemas urbanos separadamente: (I) Problemas de Grandiosidade: arqueologia, remanescentes históricos, embelezamento, grandes ligações e outros aspectos ligados à monumentalidade; (II) Problemas de Necessidade: todos os tipos de circulação, arquitetura, habitação, higiene; (III) Problemas Sociais e Espirituais: “higiene do corpo e mente”, educação, equipamentos de cultura, esporte e lazer, aspectos ligados à civilidade e nacionalismo; (IV) Problemas Rurais e Regionais: crescimento e expansão

urbana, relação cidade-campo; (V) Problemas Nacionais e Humanos: desafios econômicos e sociais do país relacionados à capital.

A arqueologia foi considerada por Bardet como um Problema de Grandeza, diretamente relacionado à “alma romana”. Ao seu ver, Roma sempre teve “fases da evolução” marcadas pela grandeza de monumentos, por isso Mussolini teria dois grandes desafios pela frente: resgatar a grandiosidade do passado e se projetar na história. Desse modo, ele fez com que a postura ambígua de Mussolini, ao promover escavações arqueológicas por um lado e demolições infundadas por outro, ficasse sutilmente exposta (BARDET, 1937, p. 206, tradução nossa).

Bardet (1937) expressou maior entusiasmo por ações que reforçavam o sentimento de nacionalismo como reação aos preceitos da arquitetura e urbanismo internacionais. Os investimentos do Estado na arqueologia, a definição da arquitetura oficial para edificações públicas e o papel civilizatório dos espaços verdes e desportivos são alguns exemplos que o urbanista ressaltou como empreendimentos fundamentais.

A arquitetura nacional era, do ponto de vista de Bardet (1937), um “Problema de Necessidade” e deveria se adequar às condições naturais e culturais do lugar, alcançando o equilíbrio entre o natural e o artificial. Para ele, a padronização e a produção de arquitetura em série poderiam atender às demandas da vida moderna, mas não deveriam impor padrões construtivos desconexos com a realidade de cada lugar. Sobre os pontos da arquitetura moderna difundidos por Le Corbusier, afirmou serem “práticas de um formalismo” que travavam uma disputa com a natureza, expondo o homem ao calor, frio e falta de identidade com seu lar (BARDET, 1937, p. 207, tradução nossa).

Para Bardet, o urbanismo de Mussolini em Roma fortalecia o homem italiano e o senso de comunidade, à medida que promovia o ordenamento e a modernização condizentes com o status da capital durante o regime. Ao prever e conduzir a expansão da capital integrada à região, o Plano de 1931 concedia ao urbanista referências para o enfretamento dos “Problemas Rurais e Regionais”.

Por fim, os “Problemas Nacionais e Humanos” foram postos de forma redundante, apontando ações da política urbana e populacional de Mussolini, entre as quais são destacadas: o resgate e a valorização da história nacional através da arqueologia e intervenções nos centros históricos; o controle do crescimento urbano e densidade através da fixação do homem no campo e política demográfica; a promoção do desenvolvimento de uma linguagem arquitetônica nacional; a multiplicação e conexão dos espaços públicos e desportivos.

“*La Roma de Mussolini*” permite observar rebatimentos do contexto no qual Gaston Bardet se formou urbanista. É notável, ao longo da análise, a busca por referências para enfrentar os problemas urbanísticos de seu tempo, mostrando-se inteirado das ideias em circulação entre as instituições, legislações, grupos, congressos e publicações de urbanismo. Mais do que isso,

demonstrou o desejo de contribuir com seu estudo, trazendo o que havia de mais atual no campo. O desejo de manter-se atualizado e ser um urbanista culto, ou seja, que dispõe de um leque de referências, observações e experiências que o permitisse pensar em melhores soluções.

O livro é também uma obra marcada pela parceria com o orientador Marcel Poète. Bardet adotou a noção de “evolução” das cidades e aplicou no seu estudo sobre Roma, buscando apreendê-la pela inteligência e pela intuição, mesmo com a limitação de não a vivenciar pessoalmente. O jovem aluno consegue articular a noção desenvolvida pelo orientador à prática do urbanismo, ela permeia a leitura dos planos, a análise do sistema viário, a percepção da ambiência e as investigações sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O breve olhar sobre as contribuições de Marcel Poète e Gaston Bardet descortina nuances do processo de configuração do campo do Urbanismo, em duas diferentes gerações. Na primeira, houve necessidade de lidar com novos fenômenos, as metáforas com termos da biologia – “organismo vivo”, “cirurgia conservadora”, “diagnóstico” –, evidenciam o esforço para definição e conceituação. De igual modo, havia urgência em consolidar e afirmar um campo específico para abordar transformações físicas e sociais das cidades de modo indissociável e complexo. Nesse sentido, o papel de Marcel Poète foi fundamental para que, na França, o ensino do urbanismo tivesse significativa autonomia da arquitetura, limitando-a a uma das múltiplas dimensões do problema urbano.

A participação incisiva de Poète nas primeiras instituições e na articulação do *Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris* foi crucial para inserir o estudo da “evolução” entre os principais pontos do urbanismo, ou seja, antes de qualquer elaboração de plano ou intervenção. Quando enunciava a existência da “alma da cidade”, ele chamou atenção para a relevância das permanências que deveriam ser consideradas condutoras das transformações urbanas.

Na segunda geração, o campo já estabelecido possibilitava a análise das primeiras experiências realizadas. Neste sentido, Bardet contou com aparato conceitual que o permitiu enxergar a cidade de Roma e discutir a política urbana que se efetuava sobre ela. Antes de analisar a “Roma de Mussolini”, ele se valeu da documentação histórica para identificar as diversas “Romas” antecedentes, articulando as mais distintas dimensões: sociocultural, econômica, geográfica, demográfica, territorial etc. Cabe reforçar que este foi o primeiro de muitos estudos dele, cujo conjunto da obra foi marcado pelo esforço de desenvolver métodos de investigação, análise e planejamento urbano.

Para os dois urbanistas aqui apresentados, compreender a “evolução” de uma cidade colocava a continuidade no centro das práticas urbanísticas, contrapondo-se às soluções formais, simplificadoras e standardizadas. Ou seja, significava estudar as transformações passíveis de serem captadas por

diversas disciplinas, mas somente o estudo da História seria capaz de decifrar o processo, fornecendo assim as bases para intervenções ao mesmo tempo inovadoras e respeitosas com a cidade pré-existente.

NOTAS

1. Artigo elaborado a partir da dissertação de J. M. Pereira, intitulada "Para florescer pessoas: o pensamento urbanístico de Gaston Bardet". Universidade Federal de Pernambuco, 2019.
Apoio/Support: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Processo 88881.132201/2016-01/Edital PDSE), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (141690/2015-1).
2. A tese "Para florescer pessoas: o pensamento urbanístico de Gaston Bardet" (PEREIRA, 2019) foi defendida em 2019 no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano (MDU/UFPE) e recebeu o Prêmio CAPES de Teses 2020.
3. Marcel Poëte (1866-1950) foi arquivista-paleógrafo, especializado no período medieval pela École de Chartes (1890), tornou-se diretor da *Bibliothèque Historique de la Ville de Paris* (1903) e do *Institut d'Histoire, Géographie et Économie Urbaines* (1916). Além de integrar o *Musée Social*, participou, da Comissão de Extensão da Paris Antiga (1911-1913) e da direção da revista *La Vie Urbaine* (1919), um dos mais importantes meios de divulgação de planos e estudos dos urbanistas franceses no início do século. Junto a Henri Sellier, Poëte foi protagonista na criação do primeiro curso de urbanismo na França, fundando o *Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris* (IUUP, 1924). A obra escrita de Poëte, foi preponderantemente publicada entre (1903-1930), com destaque aos seguintes livros: *Introduction à l'urbanisme. L'évolution des villes, La leçon de l'antiquité* (1929) e *Paris, son évolution créatrice* (1938).
4. Pode-se ter uma ideia aproximativa da obra escrita de Poëte por meio da lista apresentada por Calabi (1997): (i) 18 livros e ensaios (1903-1938), (ii) 9 catálogos de exposição (1903-1913), (iii) 3 prefácios (1926-1929), (iv) artigos em periódicos literários: 15 na *Revue bleu* (1905-1906), 3 no *Bulletin de la Société d'Histoire de Paris* (1903-1906), 2 no *Bulletin de la Montagne Sainte-Geneviève* (1907), 7 em outras publicações (1903-1933), (v) 2 artigos publicados no *Bulletin de la Bibliothèque et des travaux historiques de la ville de Paris* (1906-1907), (vi) Revistas especializadas: 4 em *La Vie Urbaine* (1922-1950), 4 em periódicos de arte, arquitetura e urbanismo (1923-1937), (vii) 39 intervenções verbais constantes nas atas da *Commission du Vieux Paris* (1915-1919).
5. Gaston Bardet (1907-1989) formou-se em arquitetura na *École National Supérieur de Beaux Arts* (1930) e, logo em seguida, ingressou no IUUP, onde diplomou-se com láurea (1932) e tornou-se professor (1937). Fez parte de diversas instituições como: *Société Française des Urbanistes* (SFU), *Société de Statistique de Paris* (SSP) e, *Société pour la Protection des Paysages de France* e de comitês editoriais diversos. Ensinou no *Institut d'Urbanisme de l'Université d'Alger* (Argélia, 1945-47); coordenou o *Institut Supérieur d'Urbanisme Appliqué* (Bruxelas, 1947-74); viajou e proferiu conferências de urbanismo em pelo menos 18 países (1947-76). Publicou 12 livros de urbanismo e mais de 70 artigos publicados em revistas especializadas. Isso demonstra que houve interesse significativo por suas ideias naquele momento.
6. A Lei Cornudet foi aprovada em 19 de março de 1919 e revisada em 12 de julho 1924. Os critério referidos são: (I) População acima de 10.000 habitantes; (II) Inseridas no Departamento do Sena; (III) População entre 5.000 e 10.000, com crescimento igual ou superior à 10% no intervalo entre dois recenseamentos consecutivos; (IV) Dotadas de interesse turístico sazonal – balneárias, marítimas, termais, esportivas e outros casos que impliquem no aumento de 50% da população em períodos do ano; (V) Dotadas de características pitorescas, artísticas, históricas ou arqueológicas; (VI) Grupos de habitação e loteamentos criados por associações particulares; (VII) Atingidas por guerras ou desastres naturais. Disponível em: <http://www.urbaniste.com/>. Acesso em 24 jul. 2019.
7. Henri Bergson (1859-1941) foi um importante filósofo metafísico francês de abordagem vitalista, conhecido como o "filósofo da duração". Entre seus principais livros estão: "Matéria e memória", "Introdução à Metafísica" e "As duas fontes da moral e da religião", recebeu Nobel de


- Literatura em 1927 por "A evolução criadora". Na concepção vitalista os fenômenos vitais não são totalmente explicáveis através de causas mecânicas, admitindo-se, portanto, a existência de uma energia universal ou "élan vital" que permeia todo organismo vivo (BERGSON, 2005).
8. Bardet foi pela primeira vez a Roma em 1935, na ocasião do Congresso Internacional de Arquitetos. Durante a estadia, escreveu o capítulo "*Dix ans de politique démographique*" no qual apresenta através de dados, quatro grandes problemas demográficos enfrentados pelo Fascismo: baixa natalidade, emigração do país, êxodo rural e unificação do país (BARDET, 1937).
 9. O GECUS tinha o propósito de discutir o aproveitamento do subsolo como alternativa aos problemas da hiperconcentração nas metrópoles. O princípio do urbanismo subterrâneo embasava-se nas ideias de Eugène Hénard para resguardar a superfície como prioridade de pedestres, separando os tipos de fluxos automatizados e permitindo, assim, segurança e velocidade no deslocamento populacional e de produção. Bardet foi relator geral do *I Congress International d'Urbanisme Souterrain* (1937) que reuniu debates no âmbito jurídico e administrativo, da engenharia, arquitetura e higiene. Sobre o tema publicou: "*Paris, le centre d'échange et les autoroutes souterraines*" (1937), "*Paris et les autoroutes souterraines*" (1935), "*La Paris souterrain*" (1937), "*L'Organisation de l'urbanisme souterrain*" (1938), "*L'Urbanisme souterrain: essai de doctrine et de méthode*" (1938).
 10. Sobre a relação do Fascismo com as diferentes vanguardas artísticas bem como a "italofilia" dos intelectuais franceses pela cultura urbanística italiana, consultar Cohen (2015).
 11. A abordagem de intervenção desenvolvida por Giovannoni se desenvolvia em duas escalas: a primeira na conexão do centro antigo ao território, desviando fluxos e funções invasivas, a segunda no interior do centro antigo através de um conjunto de intervenções pontuais pensadas segundo as características do bairro no objetivo de melhorar as condições de higiene, salubridade e liberação de monumentos. No caso desta proposta, não se pode afirmar que corresponde às ideias defendidas na maior parte dos escritos de Giovannoni, sobretudo pela utilização do *desventramento* (PANE, 2013).

REFERÊNCIAS


- ALMANDOZ, A. *Entre libros de historia urbana: para una historia de la ciudad y el urbanismo en América Latina*. Caracas: Editorial Equinoccio, 2008.
- BARDET, G. *La Rome de Mussolini: contribution à le étude du Plan Regulateur de 1931*. Thèse (Curso de Urbanismo) - l'IUUP, Paris, 1932.
- BARDET, G. *La Roma de Mussolini: une nouvelle ère romaine sous le signe du Faisceau*. Paris: CH. Massin et C. Editeurs à Paris, 1937.
- BERGSON, H. *A evolução criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BULLOCK, N. Gaston Bardet: post-war champion of the mainstream tradition of French urbanisme. *Journal Planning Perspectives*, v. 25, n. 3, p. 347-363, 2010.
- CALABI, D. *Marcel Poëte et les Paris des années vingt: aux origines de l'histoire des villes*. Paris: L'Harmattan, 1997.
- CALABI, D. *História do Urbanismo Europeu: questões, instrumentos, casos exemplares*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- CHEVALIER, G. L'entrée de l'urbanisme à l'Université. La création de l'Institut d'urbanisme (1921-1924). *Genèses*, v. 39, n. 1, p. 98-120, 2000. Doi: <http://dx.doi.org/10.3406/genes.2000.1624>
- CHOAY, F. *O urbanismo: utopias e realidades, uma antologia*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- COHEN, J.-L. Gaston Bardet: un humanisme à visage urbain. *Revue Architecture, Mouvement, Continuité*, n. 44, p. 74-77, 1978.
- COHEN, J.-L. Ville sur ville, le destin de Gaston Bardet. *L'Architecture d' Aujourd'hui*, n. 265, p. 78-82, 1989.

- COHEN, J.-L. Le 'nouvel urbanisme' de Gastón Bardet. *Le Visiteur: Ville, territoire, paysage, architecture*, n. 2, p. 134-147, 1996.
- COHEN, J.-L. Gaston Bardet et la "Rome de Mussolini". *Zodiac*, n. 17, p. 70-85, 1997.
- COHEN, J.-L. *La coupure entre architectes et intellectuels, ou les enseignements d'Italophilie*. Bélgica: Édition Mardaga, 2015.
- FREY, J.-P. [Jean-] Gaston Bardet: L'espace social d'une pensée urbanistique. *Les Études Sociales*, v. 130, p. 57-82, 1999.
- FREY, J.-P. Gaston Bardet, théoricien de l'urbanisme 'culturaliste'. *Urbanisme*, n. 319, p. 32-36, 2001.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GUILLOT, J.-F. La Société française des urbanistes et l'Institut d'urbanisme: deux usages du réseau pour une même cause? In: HUREL, A. (dir.). *La France savante*. Paris: Édition électronique Du Cths, 2017. p.1-9.
- GUTIÉRREZ, R. O princípio do urbanismo na Argentina. Parte 1: o aporte francês. *Vitruvius*, ano 8, n. 087.01, 2007. Arqtextos. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/08.087/216>. Acesso em: 24 jul.2014.
- LE JURY de l'Exposition 1937 a attribué deux grand prix à un architecte vichyssois. *Tribune Republicaine*. Vichy, 5 dez.1937. Fond Bardet, cx.19.
- MANZIONE, L. *Déclinaisons de l' "urbanisme comme science"*. Discours et projets: Italie et France (1920-1940). Thèse (Doctorat en Architecture) – Université Paris 8, Paris, 2006.
- MUMFORD, L. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- PANE, A. Atualidade de Gustavo Giovannoni. In: KUHL, B. (org.). *Gustavo Giovannoni, 1873-1947*: Cotia: Atelier Editorial, 2013. p. 31-52. (Textos escolhidos).
- PEREIRA, J. *Para florescer pessoas: o pensamento urbanístico de Gaston Bardet*. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.
- POËTE, M. *Paris, son évolution créatrice*. Paris: Vicent, Fréal Éditeurs, 1938.
- PONTUAL, V. Gaston Bardet: um teórico do urbanismo. In: Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 13., 2014, Brasília. *Anais [...]*. Brasília: FAU UNB, 2014.
- PONTUAL, V. O Urbanismo Aplicado do mestre Gaston Bardet: conferências, cursos e instituições. *Urbana: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos da Cidade*, v. 8, p. 89-110, 2016.
- RANDLE, P. *Evolución urbanística: una teoría de la ciudad en la historia*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1972.
- RIGOTTI, A. M. Un francés en las pampas: Los viajes a America de Gaston Bardet. *Revista A&P, Facultad de Arquitectura, Planeamiento y Diseño de la Universidad Nacional de Rosario*, n. 15, p. 8-17, 2001.
- SOCIÉTÉ FRANÇAISE DES URBANISTES. *Status n° 1*. Paris: SFU, 1920.
- SITTE, C. *A construção das cidades segundo seus princípios artísticos*. São Paulo: Ática, 1992.
- UN FRANÇAIS lauréat de l'Institut d'Urbanisme. *Les Débats*, Paris, 8 jul. 1932. Fonds Bardet, cx.19
- UNWIN, R. *L'étude pratique de plans de villes*. Paris: Infolio, 2012.
- VAGO, P. Le développement urbain de Rome. *Le Maître d'œuvre*, Paris, n. 43-44, 1930.

JULIANA MELO PEREIRA

 <https://orcid.org/0000-0002-1277-9627> | Universidade Federal de Pernambuco | Centro de Artes e Comunicação | Departamento de Arquitetura e Urbanismo | Av. da Arquitetura, s/n., Cidade Universitária, 50740-550, Recife, PE, Brasil | Correspondência para/*Correspondence to*: J. M. PEREIRA | E-mail: juliana.mpereira@ufpe.br

VIRGÍNIA PITTA PONTUAL

 <https://orcid.org/0000-0001-8626-6675> | Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano | Laboratório de Urbanismo e Patrimônio Cultural | Recife, PE, Brasil.

COLABORAÇÃO

J. M. PEREIRA colaborou com conceituação; curadoria de dados; investigação/pesquisa; metodologia; validação; visualização; obtenção de financiamento; escrita da primeira redação; V. P. PONTUAL colaborou com a conceituação; análise formal; supervisão/orientação; revisão e edição.

COMO CITAR ESTE ARTIGO/HOW TO CITE THIS ARTICLE

PEREIRA, J. M.; PONTUAL, V. P. Cidades, evolução e urbanismo: Marcel Poëte e Gaston Bardet. *Oculum Ensaios*, v. 19, e224948, 2022. <https://doi.org/10.24220/2318-0919v19e2022a4948>

RECEBIDO EM

8/5/2020

REAPRESENTADO EM

31/3/2021

APROVADO EM

23/9/2021